A Efetividade Comunicacional dos Caminhos Narrativos do Poema Lira Itabirana no Ciberespaço [1]

Ana Paula Figueiredo Guedes DELAGE[2]
Francisco José Paoliello PIMENTA[3]
Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG

RESUMO
Atualmente, ambientes reais e virtuais interagem de forma contínua e paralela. A convergência entre os dois mundos aconteceu com o poema Lira Itabirana, de Carlos Drummond de Andrade, publicado em jornal na década de 1980 e amplamente compartilhado no ciberespaço após os crimes ambientes ocorridos em Mariana (2015) e Brumandinho (2019). Este artigo apresenta os caminhos narrativos percorridos pelo texto, organizados seguindo o princípio lógico da semiótica de Charles S. Peirce que relaciona signo – objeto – interpretante. Defende-se que as remediações ocorridas propiciaram ao conteúdo literário o patamar de símbolo e o caráter contestatório da indignação pública e social em relação aos crimes ambientais e humanos na Internet.

PALAVRAS-CHAVE: ressignificação; narrativas; semiótica; literatura; ciberespaço.

TEXTO DO TRABALHO

1. Introdução

Era um início de tarde comum. Enquanto arrumava-se para voltar ao trabalho, escutava informações vindas da TV, ligadas em um canal de grande audiência nacional. Como sempre, notícias tristes, revoltantes, algumas boas, o tempo, o mundo... Carlos Drummond de Andrade? Um poema na TV aberta, a essa hora? Parou para assistir às imagens de uma cidade encoberta pela lama, de pessoas que choravam... ouviu a recitação dos versos que falavam sobre a exploração do minério de ferro...[4].

Outra situação:

[1] Trabalho apresentado no GT Pensamento Comunicacional, do PENSACOM BRASIL 2019.
[2] Mestranda da Faculdade de Comunicação (Facom) da UFJF, email: anapaulafgdelage@gmail.com
[3] Orientador do trabalho. Professor da Faculdade de Comunicação, da Universidade Federal de Juiz de Fora (FACOM-UFJF), e-mail: paoliello@acessa.com
[4] Em 5 de novembro de 2015, a barragem de Fundão, que armazenava rejeitos químicos próximo ao distrito de Bento Rodrigues (cidade de Mariana/MG), se rompeu e transbordou em forma de lama por todo o vale próximo e no curso do Rio Doce, que corta a região e abastece a cidades mineiras e capixabas. Além de 19 vítimas fatais e centenas de desabrigados, houve danos ambientais irreparáveis na região.

Antes de ir para o trabalho, naquela manhã, acessara o aplicativo de conversas do telefone celular, nos grupos de amigos, família e conversas privadas. Como sempre, imagens de bom dia, áudios de piadas, fotos bizarras, pedidos de doação de sangue, *links* para notícias de sites sobre política, mensagens indignadas sobre o crime ambiental em Mariana, Carlos Drummond de Andrade como profeta do acidente... como assim? "O Rio? É doce. A Vale? Amarga..." - desconhecia o poema, que tratava da exploração excessiva de minério de ferro na região onde havia ocorrido o rompimento da barragem... realmente, ele alertara para o problema tempo atrás, como os versos se encaixavam à triste realidade atual...

As duas narrativas apresentam formas de como o texto "Lira Itabirana" foi compartilhado após o rompimento da barragem de Fundão, no distrito de Bento Rodrigues, cidade de Mariana (MG). O crime ambiental aconteceu em cinco de novembro de 2015; a declamação no Jornal Hoje, pela jornalista Sandra Annenberg e contada na primeira situação, no dia 17 de novembro; as mensagens via *whatsapp* tem data inicial imprecisa, porém sabe-se que começaram a ser compartilhadas antes da divulgação no canal televisivo.

O poema teve grande repercussão à época, e novamente no início deste ano, após o rompimento de outra barragem explorada pela Vale em Brumadinho, outra cidade de Minas Gerais[5]. Não só o conteúdo, como também as interpretações e recursos usados na veiculação da mensagem pela Rede, amplificaram seu alcance, geraram inúmeros compartilhamentos e o tornaram porta-voz da sensibilidade pública frente aos desastres ocasionados pela mineração na região.

Detalhes curiosos desta "história de sucesso": uma vez que Drummond faleceu no fim dos anos 1980, o texto não é recente, sendo inclusive desconhecido por especialistas nas obras do poeta[6]; o conteúdo está em forma de poema, gênero literário que carrega certa aversão do público e não se encaixa nas formas padronizadas das comunicações atuais; mesmo assim, além de compartilhado e citado, ainda motivou

[5] Embora com menor volume que a barragem de Fundão, o rompimento da barragem da mina Córrego do Feijão, ocorrido em 25 de janeiro de 2019, registrou 236 mortos e 34 desaparecidos até o momento, também gerando danos ambientais, econômicos e sociais nas regiões atingidas.

[6] Houve dúvidas quanto à legitimidade da autoria após a primeira divulgação do poema. Em texto publicado no blog Modo de Usar & Co, em 24 de novembro de 2015, Gonçalves (2015b) publicou o fac-símile enviado ao jornal pelo próprio Drummond para comprovação.

notícias sobre ele mesmo nas páginas virtuais do grupo O Globo[7]; até título de livro foi inspirado em um dos versos do poema[8].

As situações e fatores mencionados motivaram a atual pesquisa, que reúne os principais caminhos narrativos alçados pela composição nos meios de comunicação digitais com o intuito de descrever sua adesão efetiva pelos internautas - interatores[9] brasileiros. Considerando a presença ou ausência de remediações que foram veiculadas em compartilhamentos do poema, pretende-se, nas páginas a seguir, elencar as informações que revelam como ocorreu a ressignificação da mensagem, bem como testar a seguinte hipótese: o poema tornou-se símbolo da opinião pública em relação aos desastres ambientais e humanos ocasionados pela empresa Vale.

Uma vez que trataremos de processos interpretativos ao longo do artigo, as categorias da semiótica desenvolvida pelo lógico e semioticista norte-americano Charles S. Peirce serão utilizadas para organização na exposição de argumentos. Utilizando como filtro questões abordadas por Santaella (2000) sobre o campo empírico, relacionaremos o que chamamos de *caminhos narrativos* ao pensamento triádico **signo – objeto – interpretante,** método que sintetiza o processo de significação que ocorre em nossas mentes e promovem a construção do conhecimento individual e coletivo. "Assim, o modo de ser de um signo depende do modo como esse signo é apreendido, isto é, do ponto de referência de que o apreende." (SANTAELLA, 2000, p. 96)[10].

1. Apresentação do poema *Lira Itabirana*

[7] Exemplos de títulos de matérias no O Globo e Época encontram-se no tópico Referências deste trabalho.

[8] "Antes fosse mais leve a carga – Reflexões sobre o desastre da Samarco / Vale / BHP Billiton", que integra a coleção **A questão mineral do Brasil** (vol. 2).

[9] Conceito criado por Murray (1999) para designar usuários das redes e plataformas conectadas pela Internet que são, ao mesmo tempo, consumidores e produtores de conteúdos.

[10] O termo *caminhos narrativos* deriva das ideias reunidas por Mota (2004) sobre narratividade. Uma vez que este artigo não vai tratar de um texto narrativo, mas dos enredos formados pelas ressignificações de um texto descritivo - o poema, optou-se por criar uma terminologia própria.

LIRA ITABIRANA

I

O Rio ? É doce.
A Vale ? Amarga.
Ai, antes fosse
Mais leve a carga.

II

Entre estatais
E multinacionais ,
Quantos ais !

III

A dívida interna.
A dívida externa.
A dívida eterna.

IV

Quantas toneladas exportamos
De ferro ?
Quantas lágrimas disfarçamos
Sem berro ?

Drummond, o velho itabirano

Figura 1: Digitalização do poema original (ROSA, 2000, p. xxx).

Concordando que "É preciso investigar a história de um documento ou de uma fala [...]" (GERK E BARBOSA, 2018, p. 139), comecemos por um breve resumo sobre a chegada do poema ao mundo virtual. Lira Itabirana era mais um poema arquivado numa folha de jornal. Publicado originalmente em dezembro de 1983 n´O Cometa Itabirano e inédito em livro, fora resgatado pela pesquisadora Ângela Maria Vaz Sampaio Rosa e incluído na dissertação de mestrado intitulada "Palavra e terra de Carlos Drummond de Andrade em O Cometa Itabirano", defendida na PUC Minas em 2000. A análise sobre o poema revelou as angústias do poeta frente à exploração desmedida do minério de ferro pela então Companhia do Vale do Rio Doce presente na região onde nascera,

> Sentimento de expropriação, de exploração e de *menos valia* projetado durante todos os anos da extração do minério de ferro. As vozes que no passado calaram ou foram caladas diante do poder da máquina devoradora da riqueza da terra surgiam agora na voz daquele que sempre percebeu e pressentiu o destino da sua cidade. (ROSA, 2000, p.108).

Anos depois, em 11 de novembro de 2015, Lira Itabirana é novamente referenciada. Na postagem do advogado e escritor Marcus Fabiano Gonçalves em sua

página pessoal na rede social *Facebook*, o poema é colocado na íntegra, acrescido de um texto em que contextualiza a temática recorrente de Drummond acerca da exploração da empresa Vale em Itabira, revela a pesquisadora que encontrou o poema e finaliza atentando para a importância da mensagem em um momento de catástrofe humana na cidade de Mariana[11]. Segundo MOTTA (2004), o escritor utilizou técnica inglesa conhecida como *Telling*, pois se aproximou do leitor evidenciando impressões individuais que agregaram informações pertinentes ao texto.

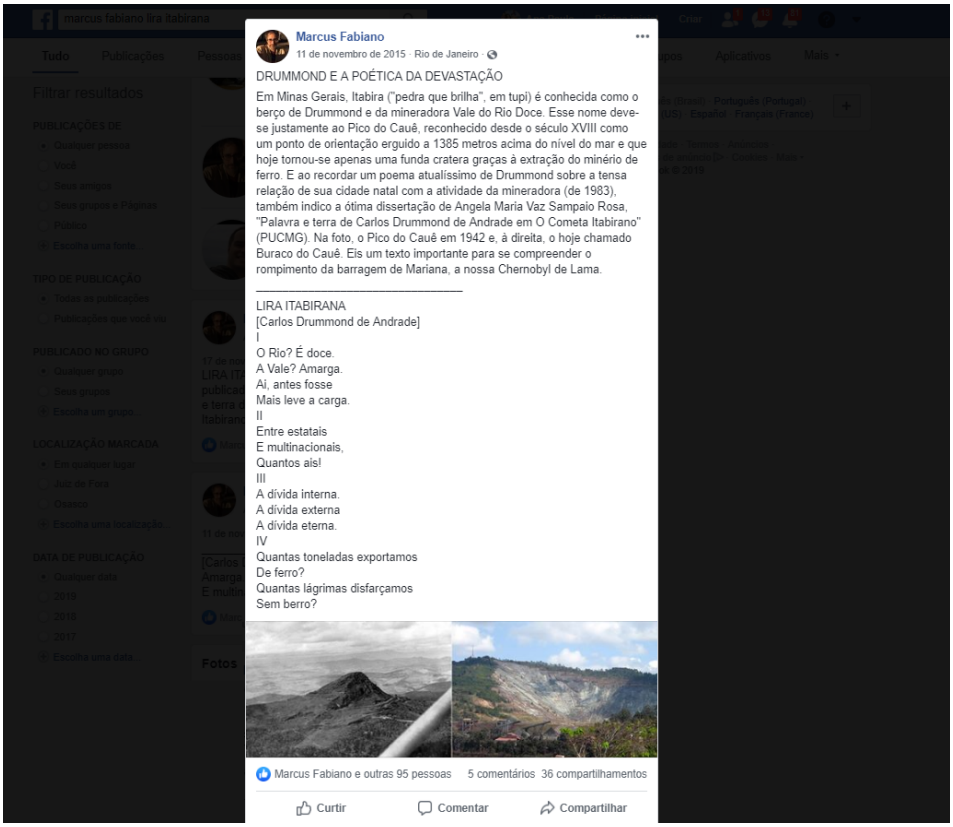

Figura 2: Postagem de Gonçalves (2015a)

A postagem foi compartilhada por "Amigos" da rede que, por sua vez, foram replicados por "Amigos" dos "Amigos", e re-replicados por outros... extrapolou a limitação da rede social, sendo transmitido em outras plataformas e páginas digitais. Ganhou projeção pública concreta ao figurar na coletânea de textos sobre o Rio Doce no *site* do Jornal O Globo, em 15 de novembro, onde foi apresentada da seguinte forma: "Mas é o poeta Carlos Drummond de Andrade quem antevê a tensão entre o rio e as

[11] Parafraseando Jorge Luis Borges, Figueiredo (xxx, p. 14) lembra que "[...] o escritor é antes de tudo um leitor de obras alheias [...]".

mineradoras que o exploraram desde sempre no poema "Lira itabirana", de 1984: "O Rio? É doce. A Vale? Amarga.".

Verifica-se que as mensagens veiculadas junto ao poema na Rede, neste primeiro momento, vincularam passado e presente, aproximando a mensagem de outrora aos acontecimentos atuais. Com todo o conhecimento que as duas publicações reuniram sobre o assunto, e baseando-se em processo de verossimilhança, destacaram a denúncia da culpa da mineração sobre o ocorrido presente nos verbos. Esta remediação não só manteve o vínculo com a origem do texto como a conectou efetivamente à atualidade, adequando a mensagem à "nova paisagem midiática" presente na ambiência digital (GERK; BARBOSA, 2018, p. 140).

Talvez por conta da grande repercussão que o poema havia assumido nas redes sociais, nos meios de comunicação digitais, ou apoiando-se na publicação digital da empresa a qual pertence, realizada dois dias antes, o Jornal Hoje apresentou o texto no dia 17 de novembro, veiculando imagens do local e das pessoas atingidas pela lama ao mesmo tempo em que a repórter Sandra Annenberg recita Lira Itabirana. Nas palavras introdutórias, ela direciona a mensagem para o caráter testemunhal das palavras de Drummond, o que confere ao conteúdo uma legitimidade de divulgação na TV aberta a mensagem: "E a gente termina essa edição com uma homenagem ao Rio Doce, que amarga sufocado pela lama. O poema é do mineiro nascido em Itabira e que, por isso, era triste, orgulhoso e de ferro, Carlos Drummond de Andrade."[12]. Ainda que apoiada nos versos poéticos, a exibição pôde ser entendida como um testemunho valorizado, cuja remediação reforçou o valor da mensagem, aliada à adequação das imagens que deram credibilidade à narrativa.

Acredita-se, assim, que a autoria de Carlos Drummond foi um dos fatores que motivou o amplo compartilhamento do poema, haja vista o conhecido engajamento social do escritor nos problemas nacionais representados em sua "poesia politizada" (MENDONÇA, s/d). Porém, o poema, ao "cair na Rede"...

2. Desenvolvimento do poema

[12] Não analisaremos, neste artigo, o conteúdo veiculado, embora discordemos dos adjetivos que foram ligados ao escritor.

... e foi apropriado de diversas formas pelos interatores do ciberespaço, compartilhado na íntegra, ou fragmentado, exclusivamente em texto ou complementado por outros formatos (imagens, áudio, vídeos, animação gráfica, entre outros)[13]. Isto porque, sendo um texto poético, pode ser caracterizada como uma obra aberta, conceito cunhado por ECO (1969, p.27) que exemplifica como produtos artísticos são reconfigurados segundo " [...] certo tipo de relação entre obra e fruidor, o momento de uma dia1ótica entre a estrutura do objeto, como sistema fixo de relações e a resposta do consumidor como livre inserção e ativa recapitulação daquele mesmo sistema.".

Em relação ao sentido da mensagem original, manteve a associação em alguns casos, mas é possível encontrar interpretações inusitadas, ou mesmo desconexas do que fora proposto não só por Gonçalves (2015) como também pelo próprio Drummond, na década de 1980. Conforme explicam Pernisa Júnior e Alves (2010, p. 84), a liberdade de produções no ambiente digital, através de autorreferência e citações, por exemplo, criam conteúdos apartados de seus conteúdos geradores quando o receptor ignora (propositalmente ou não) informações prévias fundamentais sobre determinado conteúdo[14].

Os caminhos narrativos assumidos pela mensagem são analisados de forma coerente sob o viés metodológico da Semiótica, que relaciona signo (poema), objeto (rompimento das barragens de Brumadinho e Mariana) e interpretante (consequências negativas da exploração mineral na região, por exemplo), de acordo com a seguinte explicação:

> Um signo 'representa' algo para a ideia que provoca ou modifica. Ou assim é um veículo que comunica à mente algo do exterior. O 'representado' é seu objeto; o comunicado, a significação: a ideia que provoca, o seu interpretante. O objeto da representação é uma representação que a primeira representação interpreta. Pode conceber-se que uma série sem fim de representações, cada uma delas representando a anterior, encontre um objeto absoluto como limite. [...] Finalmente, o interpretante é outra representação a cujas mãos passa o facho da verdade; e como representação também possui interpretante. Eis aí uma nova série infinita. (SANTAELLA, 2000, p. 66, apud PEIRCE, 1.339):

[13] Exemplos detalhados sobre o assunto foram estudados em artigo apresentado pelos autores desta pesquisa na XXIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, ocorrido em junho deste ano, na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).

[14] Os autores destacam, ainda, a multiplicação descontrolada de conteúdos idênticos como um dos fatores para a perda de sentido ou referencial de conteúdos nos meios digitais.

Esta conceituação e suas relações permitem dividir as ocorrências da Lira Itabirana na Rede em três tipos. A primeira, através de *símbolos*, cuja representação apresenta vinculação diretamente ao sentimento de indignação da população frente ao desastre ambiental e humano. Neste grupo estão os caminhos narrativos onde a remediação foi efetivada através de acréscimos verbais, visuais ou sonoros pertinentes ao crime ambiental, divulgados junto ao poema – os compartilhamentos citados até o momento se encaixam nesta classificação.

Já a segunda tipologia seria a dos *índices*, cujos compartilhamentos se concentram no poema, sem interferência de outros conteúdos, mesmo assim possuindo relação existencial com o objeto, haja vista que a primeira estrofe remete de forma explícita às "personagens" fundamentais da narração – o Rio Doce e a Vale. Como exemplos, além das publicações sem contextualização ou inclusão de recursos que extrapolem o conteúdo do poema, também se encaixam nesse grupo os vídeos com a recitação do poema, no Youtube, por artistas, que utilizam o espaço virtual como palco para auto *mise en scène*, apoiando-se, prioritariamente, na carga emotiva da mensagem (COMOLLI, 2018).

Figura 2: Interatores recitando o poema em páginas pessoais do Youtube[15].

Por fim, caminhos narrativos baseados em *ícones* conectam signo e objeto de forma efêmera, vinculando-os através de qualidades que não permitem deduzir a ligação

[15] Disponíveis em: <https://www.youtube.com/watch?v=RdPOvyhmkwo> e <https://www.youtube.com/watch?v=HuwcaV771x8> , respectivamente. Acesso em: 02.07.2018.

com o rompimento ou com as consequências da exploração de forma clara. São mensagens com a inserção do texto, ou parte dele, em conteúdos alternativos, como, por exemplo, o *rap* que trata da questão de comunidades nas grandes cidades, ou o vídeo "Berro | Drummond"[16], em que o poema é exibido por partes com imagens do correr das águas captadas por uma câmera estática do que entendemos ser um trecho do Rio Doce. Se o "receptor" possuir conhecimentos prévios sobre o crime ambiental, *pode ser* que se efetive a conexão entre a produção e o fato em questão, pois "É a memória que vai produzir a condição de decifrar os signos." (GERK; BARBOSA, 2018, p. 12).

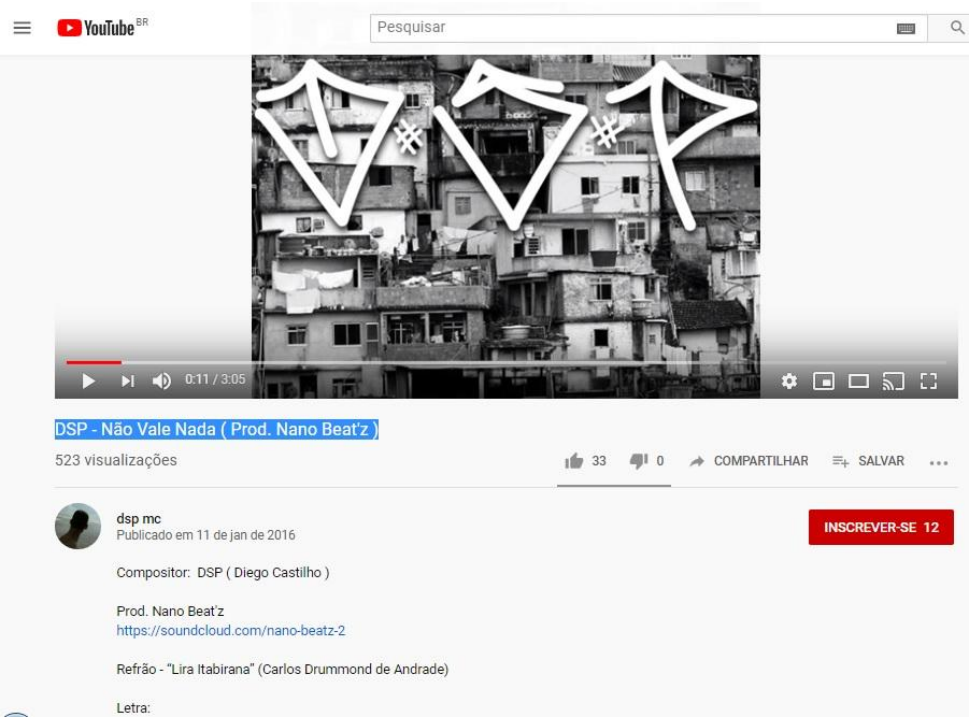

Figura 3: Lira Itabirana compõem a música, porém o conteúdo em geral não faz qualquer menção aos rompimentos de barragem, cidades atingidas, personagens envolvidas etc. [17]

Uma vez que as categorias não são excludentes e as produções transitam entre elas – pois o fluxo do pensamento é contínuo e constantemente atualizado -, encontramos um caminho "icônico" que se tornou simbólico, intitulado aqui como "A profecia de Drummond". Diversos internautas transcenderam a correspondência entre signo (poema) e objeto (rompimento), captaram a transcendência da mensagem, interpretado como uma premonição de Drummond, o profeta da tragédia (SERAFINI, 2015). A mudança de *status* foi baseada numa possibilidade referente ao texto - escrito

[16] Disponível em:< https://www.youtube.com/watch?v=poggIAS3ihg>. Acesso em: 02.07.2018.
[17] Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9qZi1OsQ7TQ>. Acesso em: 02.07.2018.

tantos anos antes, porém com tamanha verossimilhança aos acontecimentos atuais - que foi validada e ressignificado pela interpretação consciente e transcendeu ao objeto, tornando-se algo aceito por vários usuários da Rede.

Acredita-se que este caminho narrativo, antes inusitado e posteriormente consagrado pelo público, foi outro motivo pelo qual o texto ganhou força e destaque em *sites* e nas redes sociais (quiçá outros meios de comunicação). Lira Itabirana representa a falha da empresa e, implicitamente, dos governos que não trabalham na previsão do "acidente", tampouco não deram ouvidos aos versos de Drummond, verdadeiros "alertas" sobre o desastre e suas expressivas proporções. Novamente, a importância da autoria também foi determinante para a interpretação, pois é sabido que os artistas são mais propensos a antecipar cenários e situações pela sensibilidade de olhar para o mundo. Segundo Mannheim (2001, p. 95) "Intimamente ligada a essa predileção está a tendência a correr mais que o tempo, a situar-se além e adiante de cada situação e a antecipar alternativas antes que se concretizem.".

3. Clímax do poema: a ressignificação da mensagem

O fenômeno descrito possui fundamentos que devem ser observados para o entendimento do potencial representativo assumido pelo poema. Comecemos pelo meio onde se desenvolveu a maior parte da "história", o ciberespaço, **ambiente espacial** (constituído com características próprias), **participativo** (estruturado para ações interativas), **enciclopédico** (armazenador de informações) e **procedimental** (técnico, requer conhecimentos para utilização) (MURRAY, 2003). Diferentemente do que ocorria com as máquinas analógicas, seu principal facilitador - o computador, "metameio" para onde migrou-se todo o conteúdo midiático (FIGUEIREDO, 2010, p. 18), assim como promoveu (ou melhor, promove) novas formas de comunicação, expressão e atuação no espaço público, hoje também virtual.

A materialidade do suporte original é substituída pelo mundo dos bits, embora existam artifícios para que o vínculo não se perca completamente, o que, no caso do poema Lira Itabirana, foi realizado desde a primeira evidência do texto, na pesquisa de Rosa (2000) e na sua remediação por Gonçalves (2015a). Segundo (POLLAK, 1989, p. 10), "Esse trabalho de **enquadramento da memória** tem seus atores profissionalizados, profissionais da história das diferentes organizações de que são membros, clubes e

células de reflexão.", o que legitimou sua divulgação no meio intelectual e, por consequência, entre o público em geral.

A facilidade de emissão e recepção de dados permite que tenhamos acesso, simultaneamente, a conteúdos sobre inumeráveis temas e com diversos vieses narrativos, ou mesmo dissertativos. Estes **planos da história (MOTTA, 2004, p. 3)** ampliam o alcance e elevam a mensagem original a algo plural, sendo encontrado em formas genuína (simbólicas) ou degeneradas (icônicas). E, independente do grau de relação com o fato, o caráter contestatório das mensagens que fazem qualquer menção a Lira Itabirana a partir do primeiro rompimento, em 2015, é incontestável.

Outra característica já praticada em outros suportes, mas que possui adequação plena neste ambiente, são as **histórias multiformes**, cujo desenrolar dos fatos é relatado sem a rigidez da estrutura sequencial, linear e estanque. Isto possibilita reunir conteúdos e formatos afins para construir (ou reconstruir) as narrativas na Rede, tal como se evidenciou nos compartilhamentos do poema. Esta "estrutura caleidoscópica" (MURRAY, 2003, p.155) conjunta e sem limite previsível constituía o pensamento sobre a teoria do texto, desenvolvida em 1970 pelo francês Roland Barthes, como destacou Figueiredo (2010, p. 14):

> Ao falar de um texto ideal, em que as redes seriam múltiplas e se entrelaçariam, sem que nenhuma pudesse encontrar as pontas de um texto que não tem início, sendo reversível, no qual penetramos por diversas entradas, sem que nenhuma possa ser considerada a principal, mobilizando códigos que se perfilam a perder de vista (1992, p. 39), remete o leitor do início do século XXI, inevitavelmente, para os novos modos de circulação dos textos na internet.

Guiados por nosso repertório prévio e escolhas, efetuando a publicação de novos conteúdos ou apropriando-se de informações já disponíveis, promove-se a retroalimentação do sistema comunicativo cujo caminho também não pode ser determinado. Esta postura é causada pela **audiência ativa (MURRAY, 2003)** promovida pelas características da ambiência digital e responsável pela multiplicidade de evidências de conteúdos, como ocorreu com o poema.

Independente do suporte, o **gênero literário** de Lira Itabirana, e também os demais tipos de textos literários, carrega uma gama de interpretações possibilitadas por sua constituição própria. Porém, Figueiredo (2010) lembra que o computador e a demais

máquinas interativas[18] criam práticas inovadoras de leitura e também de interação com a mensagem. Ou seja, na migração do escritos originados em ambiente físico para o mundo virtual, é preciso estar aberto para novos acessos e retornos. Sobre o tema, Bourdieu (1968, p. 125) revela a conclusão a que buscamos para explicar o contexto significativo assumido pelo texto de Drummond:

> Assim, o sentido público da obra enquanto julgamento objetivamente instituído sobre o valor e a verdade da obra (em relação ao que todo julgamento de gosto individual é obrigado a se definir), é necessariamente coletivo. [...] Conclui-se que a relação que o criador mantém com sua obra é sempre mediatizada pela relação que mantém o sentido público dela, sentido que lhe volta concretamente à memória por ocasião de cada relação que ele estabelece com os outros membros do universo intelectual e que é o produto das interações infinitamente complexas entre atores intelectuais, enquanto julgamentos ao mesmo tempo determinados e determinantes sobre a verdade, e o valor das obras e dos autores.

Apoiados ao conceito de M. Bal apresentado por Mota (2004, p. 6), que "[...] entende a **narratividade** desde o movimento de ordenação que se costura no texto através das relações que se estabelecem entre os personagens da história sob a base das leis que regem a realidade humana.", verifica-se que os interatores tornaram-se coautores do poema e contribuíram para a adoção do texto como símbolo da indignação social frente ao ocorrido – presente em praticamente todos os compartilhamentos, mesmo os indiciais e icônicos. Até a ausência de contextualização pode ser vista com estratégia persuasiva.

Motta (2004) também utiliza estudos de Paul Ricoeur para evidenciar que "[...] as narrativas não cessam de realizar uma experimentação de valores éticos e morais, um fundo antropológico pré-narrativo comum ao autor e ao leitor, e indutor da narratividade." (MOTTA, 2004, p. 11). Por isso, a **evidência testemunhal** incluída em mensagens é uma tendência nas comunicações digitais. No caso do poema de Drummond, tamanha é a precisão e o apelo emotivo aos versos que pode ser chamado de memória mítica (POLLACK, 1989, p. 9). Por isso a importância da análise aqui finalizada:

[18] A pesquisa ainda ressalta a aproximação do campo literário a outros tipos de textos, oriundos de meios e objetivos diversos, tendo em vista o "deslizamento das narrativas de um meio para o outro" (idem, p. 11).

> Não se trata de simples observação de traços discursivos ou contextuais que permanecem nos meios, discursos e linguagens, mas a percepção de que materialidades e os gestos de sua apropriação estão contidos em cada novo meio, produzindo reconhecimentos que fazem emergir, de certa forma, o passado. (GERK; BARBOSA, 2018, p. 128).

4. Desfecho. Conclusão?

Lira Itabirana esteve presente em diversas mensagens e conteúdos desde o primeiro rompimento, em 2015. Seja relacionado diretamente ao rompimento, ao talento ou perspicácia da mensagem de Drummond, à utilização do material em divulgações pessoais ou até mesmo para se incluir na mobilização digital, a avalanche de replicações em *sites*, redes sociais e aplicativos de conversa sinalizou o poema com um importante canal de comunicação social nos episódios, e a conclusão efetiva de que a mensagem do texto estava mais atual do que nunca.

Por isso, ao tratar o compartilhamento do poema como **caminhos narrativos**, considera-se que o cerne de mensagem de Drummond direcionada por Gonçalves (2015) se desmembrou em diversas histórias verossímeis e válidas. Partindo da afirmativa de que o texto poético apresenta diversas fruições (ECO, 1969) e da análise semiótica que buscou revelar as interações incluídas nos compartilhamentos (relação Signo – Objeto – Interpretante), conclui-se que, mesmo sendo realizada por remediações diferentes, a ampla divulgação do texto resultou no êxito em transformar o conteúdo um símbolo da indignação social frente ao que acompanharam pelos meios de comunicação tradicionais e digitais.

A incorporação de características disponíveis nas redes digitais de comunicação potencializou o alcance e carga emocional do texto literário, que também se apoiou nas tendências de rememoração (testemunho) e na credibilidade do poeta. E como no ciberespaço “Não existe completude, está tudo sempre em aberto.” (GERK; BARBOSA, 2018, p. 141-142), é provável que outras ressignificações e repercussões literárias como esta também repitam o sucesso comunicação de Lira Itabirana e sua importância como forma de expressão social no país.

REFERÊNCIAS

BARROS, Luiza. Brumadinho: Conheça a história por trás de poema em que Drummond critica a Vale. In: **O Globo.** Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/livros/brumadinho-conheca-historia-por-tras-de-poema-em-que-drummond-critica-vale-23410546>. Acesso em: 01.07.2019.

BOURDIEU, Pierre. Campo intelectual e projeto criador. In: POUILLON, J. et. al. (orgs.). Problemas do estruturalismo. Rio de Janeiro: Zahar, 1968. p.105-145.

COMOLLI, Jean-Louis. Carta de Marselha sobrea auto-*mise em scène*. In: Ver e Poder – A inocência perdida: o cinema, televisão, ficção, documentário. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

ECO, Umberto. **Obra aberta:** forma e indeterminação nas poéticas contemporâneas. Trad. Giovanni Cutolo. 8o ed. São Paulo: Perspectiva, 1991.

FILGUEIRAS, Mariana. Rio Doce sobrevive nas poesias, crônicas, romances e canções. In: **OGlobo**. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/cultura/livros/rio-doce-sobrevive-nas-poesias-cronicas-romances-cancoes-18053688>. Acesso em: 02.fev.2016.

FIGUEIREDO, Vera Lúcia Follain de. Narrativas migrantes: **Literatura, Roteiro e Cinema.** Rio de Janeiro: Editora 7 Letras, 2010.

GERK, Cristine; BARBOSA, Marialva Carlos. Jornalismo na era dos testemunhos: remediação, reconfiguração ou permanências históricas? In: **Interin – Revista do Programa de Pós Graduação em Comunicação e Linguagens**. v. 23, n. 1. Curitiba: 2018.

GONÇALVES, Marcus Fabiano. Drummond e a poética da devastação. 2015a. Página pessoal do Facebook. https://www.facebook.com/search/top/?q=marcus%20fabiano%20lira%20itabirana&epa=SEARCH_BOX

_____. Marcus Fabiano Gonçalves escreve sobre "Lira Itabirana", poema de Drummond que circulou amplamente desde o crime da Samarco em Mariana. In: **Modo de Usar &Co.** 2015b. Disponível em: <http://revistamododeusar.blogspot.com.br/2015/11/marcus-fabiano-goncalves-escreve-sobre.html>. Acesso em: 02.fev.2016.

MOTTA, Luiz Gonzaga. Jornalismo e configuração narrativa da história do presente. eCompós. In: **Revista eletrônica e-compós**: v.1. 2004. Disponível em:< https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/8/9>. Acesso em: 25.03.2019.

MENDONÇA, Geovani Levar. Um gauche nos trópicos: a ação política de Carlos Drummond de Andrade no Ministério da Educação e Saúde Pública nos anos 1934 a 1945. In: **Sociedade Brasileira de História da Educação.** s/d. Disponível em: <http://sbhe.org.br/novo/congressos>. Acesso em: 05.jan.2016.

MURRAY, Janet H. **Hamlet no holodeck: o futuro da narrativa no ciberespaço**. Tradução: Elissa Khoury Daher, Marcelo Fernandez Cuzziol. São Paulo: Itaú Cultural: Unesp, 2003. - capítulo

PERNISA JÚNIOR, Carlos; ALVES, Wedencley. Narrativas contemporâneas: algo além da autorreferenciação e da fórmula pronta? In: **Comunicação digital: jornalismo, narrativas, estética**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010. p. 79-94.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. In: **Estudos Históricos. Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais da Escola de Ciências Sociais.** Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas 1989. vol. 2, n. 3, p. 3-15. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/issue/view/306>. Acesso em: 22.mai.2018.

ROSA, Ângela Maria Vaz Sampaio. **Palavra e terra de Carlos Drummond de Andrade em O Cometa Itabirano**. 2000. 226 f. Dissertação (Mestrado em Literaturas de Língua Portuguesa) -Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2000. Disponível em: <http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/Letras_RosaAM_1.pdf>.

SANTAELLA, Lucia. **Teoria Geral dos Signos**. São Paulo: Ática, 2000.